

Apresentação do livro Cartas de Amor e de Dor de Marta Martins Silva

1. Museu do Combatente, lugar de cultura, cidadania e espírito de defesa, e de homenagem a muitos dos que escreveram as cartas que Marta Martins Silva, nos apresenta em livro.
2. Lugar que foi sede do Serviço Postal Militar e por isso lugar por onde passaram muitas das cartas que hoje nos surgem na obra que é aqui lançada.
3. Lugar que em Monumento aos Combatentes do Ultramar, em 186 lápides com cerca de 10.000 nomes, os quais escreveram cartas como as que hoje referimos ou mesmo algumas delas. Lugar que ergue um memorial ao Soldado desconhecido do Ultramar. Um monumento às Missões de Paz e Humanitárias e uma lápide aos Combatentes que nelas caíram ao serviço de Portugal. E também um passeio a que foi dado o nome do fundador da Liga dos Combatentes.
4. Levam-nos a afirmar, por isso, não haver melhor lugar para fazer o lançamento de uma obra que traz a luz do dia na primeira pessoa, o íntimo, a análise, o sentimento, o aplauso e a crítica, os êxitos e as derrotas, de pessoas que tiveram:
 - Por um lado, a honra de terem servido o seu país de armas na mão, na defesa dos então considerados interesses superiores do país;
 - Por outro, que tiveram durante um período das suas vidas, que perder o direito à Liberdade e o direito à vida, as quais puseram à disposição da Pátria;
 - E alguns para a eternidade. Outros para a mutilação física ou mental. Outros para um fortalecimento da sua própria pessoa quer física quer mentalmente, ao atravessarem perigos e vencerem situações que jamais haviam pensado poder ultrapassar e lhes serviram de lição para o resto da vida.
5. O livro aborda os problemas de homens e famílias participantes nos dois grandes conflitos em que Portugal tomou parte e nós tomámos parte no século XX. Só quem tem mais de cinquenta anos os terá bem presentes. E quem tem mais de setenta anos e os viveu usa uma linguagem de difícil compreensão pelas gerações de hoje. Por isso a importância da ação que nos traz aqui hoje. Facilitar o entendimento entre gerações de hoje e do futuro. Ações que abordam dois conflitos de características opostas em termos militares:
 - A GG, guerra clássica;
 - A GU, guerra de guerrilha;
 - A GG de curta duração e grande intensidade;
 - A GU de longa duração e baixa intensidade;
 - A GG com mais prisioneiros e menos baixas nas nossas foças;
 - A GU com mais baixas e menos prisioneiros.

Mas em ambas, o conflito decorreu longe da área de retaguarda e ambas decorreram em África e GG também na Europa. Em ambas, portanto, exigindo apoios em longa cadeia logística que funcionou bem melhor na GU do que na GG. Mas em ambas foi fundamental garantir a quem foi enviado para as frentes de combate ter as notícias da família, alimento psicológico tão ou mais importante que a própria alimentação.

Com meios de transmissão bem diferentes dos que estão hoje a disposição de todos. Era a carta, o aerograma o meio de contacto que obrigou a organização de serviços de postal militar próprios para agilizar esses imprescindíveis contactos humanos, no tempo mais oportuno possível.

6. Situação propícia ao sentimento de solidão, de afastamento, de desenraizamento das raízes pessoais de apoio de sempre e a criação embora forçada, de novas amizades, novos pontos de apoio, criados ainda em tempo de paz, mas que aprofundados em tempo de guerra, perduraram pela vida inteira e justificam a necessidade de reuniões de convívios de hoje, entre antigos Combatentes e suas famílias.

Poderá parecer estranho aos mais distraídos ou aos que fazem críticas fáceis aos convívios e almoços organizados pelos Combatentes por esse país fora. Mas representam a necessidade de manutenção de laços profundos de amizade dessa nova família criada em situações de solidão e perigo.

7. Mas voltemos ao fio umbilical que as cartas e aerogramas sustentaram e são o motivo deste livro. E aqui dou dois exemplos de experiência vivida.

No dia oito de junho de 1962, nos Dembos, em Quibaxe, Angola, à uma hora da tarde, recebi um telegrama via Carmona que dizia: ótimo rapaz. Beijos. Havia nascido o meu filho Miguel. Dei dois murros numa secretaria e rejubilei. Só o vi bem mais tarde.

Recordo que outro dia, agora mais a norte em Muxaluando, a 18 Km de Nambuanguo, algures nos Dembos, em Angola, querendo escrever à minha mulher, sem ter aerograma, mas dispondo de um envelope escrevi uma carta numa folha de papel. Não dispunha de selo. Escrevi no envelope, no lugar do selo: - No lugar onde me encontro não há selos!

Entreguei no primeiro avião Auster que passou e levou correio.

Em Lisboa, o chefe dos serviços dos CTT em Alvalade, foi entregar por mão própria a carta a minha casa e ainda hoje guardo essa carta. A minha mulher apanhou apenas um susto.

8. O livro Cartas de Amor e de Dor, de Marta, na sequência do livro relativo a Madrinhas de Guerra escritos por uma jovem escritora, nascida depois do 25 de Abril, é um exemplo, não só para os que neste país, se recusam a apoiar a reconhecer e dignificar os Combatentes que se bateram por Portugal nas piores condições da vida: - a guerra, mas porque demonstra uma capacidade de trabalho, de investigação e pesquisa notáveis, amenizando um tema que é composto de verdadeiras catarses. Não se limita a revelar cartas de Amor e de Dor.

Vai muito mais além, ao estabelecer uma relação íntima entre essas cartas do passado e o presente dos seus autores, por um lado os Combatentes vivos ou mortos e, por outro lado, os seus pais, as suas namoradas, as suas mulheres, enfim as suas madrinhas. Relatos íntimos, episódios reais da vida, episódios floreados das vivências, encontros e desencontros, solidão e arame farpado provocador de stress, episódios camuflados para retirar o sofrimento, episódios de morte de lado a lado nas mais diversas circunstâncias, Nossa Senhora de Fátima e os terços ou os símbolos da sorte desde a moeda ao crucifixo. Escrita e linguagem simples do soldado e do povo português enriquecido pelo discurso da autora.

9. Não se trata, pois, de um livro da teoria dos Grandes Chefes, das Grandes Políticas, das Grandes Estratégias ou Grandes Táticas. Trata-se de algo tão importante ou mais que isso. Trata-se da Teoria de Grandes Sentimentos, de Grandes Sofrimentos, daqueles que dão corpo e possibilitam a realização dessas Grandes Estratégias e dessas Grandes Táticas. Para demonstrar a importância que damos na Liga dos Combatentes a trabalhos como os que hoje apresentamos refiro um exemplo concreto. Decorreu em 2014 a evocação do Centenário do início da Grande Guerra. Bastante se escreveu então sobre a participação portuguesa na mesma.
10. Também nós nos tornámos um pouco ratos da biblioteca da Liga. Encontrei dois volumes atados num dos cantos da mesma. Desatei, abri, folhee e concluí tratar-se de um conjunto de depoimentos escritos, nos anos trinta, na primeira pessoa, de Combatentes da Grande Guerra. Um volume em português, um volume em francês. Confirmei ainda que o trabalho tinha sido suscitado por um escritor francês, também Combatente da GG que estando a fazer a história da participação francesa da guerra, gostava de incluir a participação portuguesa. Entretanto o escritor francês faleceu e o então Presidente da Liga, o professor Hernâni Cidade, também Combatente, deixou a presidência. Os volumes quedaram atados até aos nossos dias. Havia que dar-lhe vida e era o momento oportuno. Foi um trabalho delicado e moroso. Mas demos vida e homenageamos aqueles que na Liga nunca esquecemos, os Combatentes da Grande Guerra. Nasceu assim o livro *Debout Les Morts* (mortos de pé) que aqui vos mostro. São também cartas escritas por Combatentes para a Liga de Combatentes testemunhando as suas vivências. E como nele são significativas, demonstrativas, as agruras da guerra, da morte, do sofrimento, mas também da vida, do heroísmo e da alegria do regresso.
11. Regresso que transformou os heróis em esquecidos. Quer na Grande Guerra, quer na Guerra do Ultramar. Esquecidos, e aqueles a quem a vida não sorriu abandonados. Nascia assim há precisamente cem anos a Liga dos Combatentes que apoiou os Combatentes da GG e apoia ainda hoje os Combatentes da Guerra do Ultramar e apoia já Combatentes das Operações de Paz e Humanitárias.

Porque o Estado serve-se do melhor que tem, os seus soldados, e terminada a guerra esquece-os. Foi assim na GG. Foi assim na GU. E os Combatentes tiveram que se organizar para se apoiarem a si próprios de suas famílias e constituírem um elemento de pressão dos governos para garantirem apoio aos seus camaradas cegos, mutilados, gaseados, stressados, deficientes mentais ou sem abrigo. O apoio a saúde e o apoio social.

Obras como a que hoje apresentamos é mais um contributo para a História de um acontecimento, que, neste caso concreto, transformou decisivamente a vida de Portugal e das suas gentes.

A obra de Marta Silva é uma obra para o Portugal profundo, ler, meditar e recordar um período difícil da vida de uma geração sacrificada, mas que tem a sorte de ter uma juventude atenta e interessada como a Marta Silva para lhe fazer justiça e trazer à luz do dia de hoje e do futuro, o mais íntimo dos sentimentos de um povo, através das famílias e dos seus mais dedicados cidadãos: os seus soldados, sentinelas de ontem, de hoje e de sempre.

12. Permitam-me as minhas felicitações à Editora e os meus sinceros parabéns para a autora pela forma literária agradável que transmite à apresentação de um tema difícil, a qual torna agradável a leitura e se constitui num elemento útil à História da Guerra do Ultramar.
13. Termino agradecendo a presença de todos, incentivando-os a que visitem demoradamente este Museu do Combatente que evoca precisamente os três conflitos de Portugal no século XX e por que não se fazerem membros da Liga dos Combatentes, contribuindo com a vossa quota anual de 20 euros e a vossa adesão para o apoio dos que mais precisam.

Somos uma instituição de voluntários, onde não há vencimentos, nem senhas de presença, nem cartões de crédito, espalhada pelo país e pelo estrangeiro com 126 Núcleos, com duas residências para a terceira idade, 11 centros de apoio médico, psicológico e social, mais de oitenta mil sócios e 750 dirigentes. Que nos últimos anos ajudou a erguer 430 monumentos de homenagem aos Combatentes, no país e no estrangeiro e que dignificou cemitérios, construiu ossários no país e no estrangeiro e trasladou restos mortais de combatentes caídos no Ultramar.

Somos uma verdadeira instituição Particular de Solidariedade Social que merece a vossa adesão e o vosso apoio.

Termino com o grito da LC:

Liga dos Combatentes... Valores Permanentes!
Liga dos Combatentes... Em todas as frentes!

Lisboa 16 de abril de 2022.

Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general